



O DOM, A FÉ, A ANCESTRALIDADE: A PRÁTICA DO RESPONSO EM MOSTARDAS/RS A PARTIR DE TRÊS NARRATIVAS

THE GIFT, THE FAITH, THE ANCESTRY: THE PRACTICE OF RESPONSO IN MOSTARDAS/RS FROM THREE NARRATIVES

Recebido em: 01/07/2022

Aceito em: 14/08/2022

Sabrina Machado Araujo¹ 
Ronaldo Bernardino Colvero² 

Resumo: Este artigo se propõe a apresentar o Responso, uma prática que constitui forte expressão da cultura imaterial do município de Mostardas/RS, por meio de três entrevistas realizadas para a pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas (PPGMP – UFPel). Trata-se de uma prática cultural tradicional no município, que implica em encontrar coisas perdidas, para isso, é necessária a figura do(a) “responsador(a)”, uma pessoa que através da sua fé intercede para que outra pessoa encontre um objeto ou animal perdido. A crença no Responso é transmitida através das gerações e, por isso, a prática pode ser compreendida enquanto um Patrimônio Cultural Imaterial. As três entrevistas de história oral aqui utilizadas mostrarão algumas particularidades do fazer de diferentes responsadores, indicando que o Responso não é uma prática homogênea. Atravessam a pesquisa os conceitos de memória e patrimônio, sendo a História Oral a principal metodologia utilizada na coleta de dados.

Palavras-chave: História oral; Mostardas; Ofício Tradicional; Responso.

Abstract: This article aims to present Responso, a practice that is a strong expression of the intangible culture of the municipality of Mostardas/RS, through three interviews conducted for the master's degree research being developed in the Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage at the Federal University of Pelotas (PPGMP - UFPel). It is a traditional cultural practice in the municipality, which involves finding lost things, for which the figure of the "responsador(a)" is needed, a person who, through faith, intercedes for another person to find a lost object or animal. The belief in the Responso have been transmitted through generations and, therefore, the practice can be understood as an Intangible Cultural Heritage. The three oral history interviews used here will show some particularities of the doing of different “responsadores”, indicating that Responso is not a homogeneous practice. The concepts of memory and heritage run through the research, with Oral History being the main methodology used in data collection.

Keyword: Oral history; Mostardas; Traditional Craft; Responso.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa sobre Memória e Identidade Social. araujosabrina96@gmail.com

² Professor adjunto na Universidade Federal do Pampa, campus São Borja, atuando nos cursos de Ciências Sociais - Ciência Política e Ciências Humanas – Licenciatura. Professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas na mesma instituição e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa nas áreas de História, Relações Internacionais, Ciências Sociais, Ciência Política, Educação, Memória, Patrimônio e Políticas Públicas. ronaldocolvero@unipampa.edu.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, orientada pelo Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero e co-orientada pela Profa. Dra. Olivia Nery. A pesquisa tem como delimitação espacial o município de Mostardas, uma cidade do litoral gaúcho, grande em extensão territorial, 1.977,442km² e pequena na população, são 12.888 habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE para o ano de 2021. Nessa faixa de terra entre o mar e a Laguna dos Patos resistem muitas tradições, e o Responso, objeto da pesquisa e deste artigo, é uma delas. Associado à fé, crença popular, religiosidade e cultura, está presente no cotidiano dos moradores de Mostardas.

O Responso trata-se de uma prática pautada, usualmente, em orações à Santo Antônio e também a São Longuinho e São Lázaro, dependendo do seguimento religioso do(a) responsador(a), e até mesmo sem o auxílio de oração alguma, partindo de um dom pessoal que não necessita de outro auxílio. É realizado por uma pessoa, normalmente mais velha, conhecida como responsador ou responsadora/responsadeira que, utilizando orações ou não, intervém através da fé para que a pessoa que o procurou encontre um objeto ou animal que está perdido. Dessa forma, ao perder algo importante, se “manda responsar”, ou seja, a pessoa vai até uma responsadora ou responsador e pede que “response” o que está perdido, ou seja, que encontre. Este responsador fará seu ritual e, em grande parte das vezes, ao finalizá-lo, é capaz de informar onde se deve procurar o objeto/animal ou se este foi roubado, pois a maioria dos responsadores possuem o dom da visão e, no caso das umbandistas, recebem informações dos orixás “sopradas no ouvido”.

Trata-se de um ofício tradicional pois, segundo Ferreira (1996, p. 103) “o mestre de um ofício é sempre um sabedor, é alguém bastante diferenciado que encarna um semideus, um pactuante com o sobrenatural, um detentor de um tipo de liderança”. Os responsadores, mestres do ofício de responsar, são reconhecidos no município, seu saber é legitimado pela comunidade que acredita no Responso enquanto meio de encontrar coisas perdidas.

O presente artigo busca apresentar o ofício do Responso por meio das narrativas de três situações de entrevista muito importantes para a pesquisa, com o “Tio”³ Nilo, a dona Terezinha, a “Tia”⁴ Irma e a Jurema, que compartilharam suas histórias com o Responso. As narrativas

³ Nilo é popularmente chamado de “tio” Nilo na região de Mostardas e assim irei me referir a ele durante o texto.

⁴ Da mesma forma que Nilo, Irma é popularmente chamada de “tia” Irma na região de Mostardas e assim irei me referir a ela durante o texto.

apontam algumas particularidades do fazer de cada um, mostrando que o Responso não é uma prática homogênea. Assim, a principal metodologia empregada na pesquisa é a história oral a partir de entrevistas semi-estruturadas e a justificativa se dá devido à ausência de registros e pesquisa científica sobre a prática do Responso. No desenvolvimento serão apresentados alguns conceitos importantes para a pesquisa, o caráter essencial da história oral, seguido de três blocos que trazem, separadamente, as narrativas dos responsáveis entrevistados.

DESENVOLVIMENTO

A noção de tradição aqui utilizada parte de Arévalo (2004), que a discute enquanto um conceito em transformação, passando de algo estático e que deve ser transmitido de forma inalterada à uma tradição que acolhe a mudança inerente à transmissão social que resulta na continuidade e permanência de aspectos passados no presente. Outro conceito essencial e bastante utilizado é dom. Entre as definições que constam no dicionário Michaelis On-Line, as duas que mais se aplicam ao conceito de dom utilizado nessa pesquisa são: 4. (TEOL) Bem espiritual que se considera como oferecido por Deus; bênção, graça, mercê; e 5. Qualidade especial ou habilidade inata para fazer algo; aptidão, habilidade, talento.⁵ O dom sobre o qual os responsáveis e a comunidade falam que se deve ter para responder se refere ao dom da fé, mais do que ao dom da visão. Isso porque nem todos os responsáveis possuem a visão, mas nem por isso, deixam de ser responsáveis, pois é a fé que os legitima enquanto mestres do ofício de responder. A comunidade tem confiança nos responsáveis por serem pessoas às quais se atribui uma grande fé, característica que os torna *capazes* de fazer o responso.

Os conceitos de patrimônio cultural e imaterial são essenciais no desenvolvimento da pesquisa, pois busca-se desenvolver a compreensão do Responso como patrimônio cultural imaterial de Mostardas. Partimos da ideia de que patrimônio cultural é “entendido como todo aquilo que socialmente se considera digno de conservação independentemente de sus interes utilitario” (PRATS, 2000, p. 115), ou seja, tudo a que é atribuído valor, tornando-se digno de preservação.

O conceito de patrimônio abrange os bens materiais e imateriais, sendo que patrimônio cultural imaterial ou intangível “designa as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as

⁵ Ver mais em: DOM. **Michelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=vwVX>. Acesso em: 04 dez. 2022.

identidades de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações” (VIANNA, 2016). No Brasil, é o artigo 216 da Constituição Federal de 1988 que constitui o marco legal para a política de patrimônio cultural imaterial, ampliando a noção de patrimônio cultural.

Falar de patrimônio, é falar de memória, de oralidade e narrativas. Bosi (1987, p. 18) diz que “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”, assim, as recordações de cada indivíduo são externalizadas através das narrativas, que sob a forma de registros orais ou escritos são responsáveis pelo movimento de contar e de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo (DELGADO, 2003).

A memória constitui a matéria da história oral e é através dela que os sujeitos têm consciência de si mesmos, da sua existência e da temporalidade. Assim, a narrativa compartilhada pelos indivíduos através da história oral faz parte de um exercício mnemônico importante na construção identitária. Essas narrativas memoriais transmitem experiências e vivências e a história oral, ao trabalhar com as subjetividades dos sujeitos às atribuindo legitimidade, permite que tornem-se fontes para a produção de conhecimento ao pensar o indivíduo enquanto valor⁶.

HISTÓRIA ORAL: A ESSENCIALIDADE DAS NARRATIVAS

Desenvolver a pesquisa e conhecer a prática do responso só é possível através da metodologia da História Oral, sendo as fontes orais utilizadas como eixo de um trabalho no qual estão ligadas questões de memória, narrativa, subjetividade e diálogo (PORTELLI, 2016). O responso ainda não foi devidamente pesquisado, dessa forma, não tendo outras fontes diretas para recorrer, a oralidade é o único recurso que permite compreender o Responso, conhecer as singularidades do modo de fazer de cada responsadora e responsador e as histórias de quem já mandou responder objetos importantes, animais e até pessoas.

Alberti (2004, p. 22) fala sobre o fascínio do vivido: “quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro”. No caso dessa pesquisa, não se trata de um ensinamento do passado e sim do presente, já que busco conhecer e compreender uma prática cultural ativa no município, mas que também não deixa de buscar referências passadas. A autora menciona alguns campos de pesquisa em que a história oral pode ser útil, são eles: história do cotidiano, história política,

⁶ Ideia discutida por Verena Alberti em “Ouvir Contar - Textos em História Oral” (2004).

padrões de socialização e de trajetórias, história de comunidades, história de instituições, biografias, história de experiências, registro de tradições culturais e história de memórias. As entrevistas realizadas e as entrevistas futuras para esta pesquisa se encaixam, principalmente, nas duas últimas categorias.

A definição de Delgado (2003, p. 23) de história oral como “uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” se adequa à história oral empregada nesta pesquisa. As respondoras e respondores entrevistados são os guardiões desse saber, os únicos capazes de transmitir o que está por trás de suas práticas, é algo muito pessoal e cada um atribui um conjunto de sentidos ao modo de fazer e se relacionar com o Responso.

Portelli (2016) define história oral como “arte da escuta” e Alberti (2004) diz que na história oral é preciso, antes de tudo saber “ouvir contar”, de fato, o princípio da história oral é ouvir o que o outro tem a dizer, mesmo que nem sempre na entrevista nos seja dito o que queremos ouvir. No momento em que confiamos a alguém a missão de compartilhar suas memórias e vivências por meio da oralidade, temos o compromisso ético de ouvir com dedicação. Por vezes, através da demonstração de interesse podemos encorajar nosso(a) narrador(a) a falar mais, na mesma medida, a falta de interesse pode desencorajá-lo e fazer com que fale o mínimo. Mas a linha é tênue e, também como afirma Portelli, a história oral é um fazer que se aprende fazendo e cada entrevista permite muitos ensinamentos. A existência de uma relação com o entrevistado pode intervir na narrativa, bem como na sua análise.

O trabalho com a História Oral consiste na gravação de entrevistas e um dos seus principais alicerces é a narrativa, definida como a transmissão do que foi vivido através da linguagem (ALBERTI, 2004). As narrativas são pautadas no trabalho da memória, que por sua vez possui caráter subjetivo e como dito por Alberti (2004, p. 09) “a história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis”.

Candau (2005, p.163) diz que “os testemunhos orais adquiriram um forte valor patrimonial para as coletividades territoriais que veem neles peças essenciais da cultura local: histórias da vida cotidiana, antigos ofícios, festas de aldeia, práticas religiosas [...]”. Essa ideia vem ao encontro da pesquisa, visto que as narrativas dos respondores adquirem valor patrimonial, pois são eles os detentores do saber referente à prática investigada. A seguir, falamos de cada uma das três entrevistas realizadas, trazendo parte das narrativas compartilhadas.

“UMA REVELAÇÃO QUE DEUS ME DÁ”: O RESPONSO DO TIO NILO

A entrevista com Nilo Ferreira Chaves foi realizada no dia 21 de junho de 2019, ele tem 73 anos e é um dos responsáveis mais conhecidos e respeitados de Mostardas. Em seu caso, o Responso não é feito a partir da oração a Santo Antônio, ele inclusive reconhece que a prática dele, provavelmente, não se trata do Responso popularmente conhecido, embora chegue aos mesmos resultados que aqueles que fazem uso da oração:

[...] quando se fala em responso, que o Nilo responde, o meu não é Responso, isso é uma revelação que Deus me dá. É diferente. O responso que o pessoal faz aí é com vela, com santo, compreende... e eu não, eu é... o que tu pede eu me concentro, me ajoelho, eu oro, e Deus me mostra direitinho uma coisa tua, se roubaram, ou se perdeu, eu te digo onde é que tá [...] é dinheiro, é documento, é cavalo, é gado, o que vem aí sempre dá certo (NILO FERREIRA CHAVES, 2019).

Seu Nilo ou “tio” Nilo, como é popularmente conhecido, começou a responder por volta dos 46 anos de idade, mas desde “guri” fazia benzeduras que aprendeu com os avós. Mais velho, ao tornar-se membro da Igreja Evangélica, seu dom foi inicialmente criticado⁷, mas optou por prosseguir com suas práticas de benzedura e responso e diz que “no lugar de eu benzer como se dizia, eu faço oração, eu oro pelas pessoas, eu oro *pra* os bichos... quem quiser falar que fale, mas eu faço.” Dessa forma, a religião alterou o modo de se referir à prática, mas não o modo de fazer. Ele conta que muitas pessoas de Tavares, município vizinho, vêm até Mostardas à procura das suas orações de cura e Responso. É curiosa a forma como seu Nilo “descobriu” seu dom, ele relata que certa vez jogando pife⁸ com um casal de amigos, conseguiu ver o que o amigo pensava, como se diz, “ler” o pensamento dele:

o dom de ver as coisas faz vinte e cinco [anos] [...] um dia uma pessoa que trabalhava em *batuque*⁹, aí eu não era da igreja evangélica, né, nós *tava* jogando pife, eu, ele e a mulher dele, passamos a noite toda, quando foi chegando de manhã ele olhou pra mim firme e eu disse assim pra ele “eu sei o que tu tá pensando de mim”, diz ele: “ah, duvido”, “então tá, pega um papel, escreve o que tu pensou de mim e dá *pra* tua mulher e ela me dá um papel e uma caneta e eu vou escrever e tu vai ver se não é a mesma coisa”. Aí ele escreveu, e eu não sabia “que homem que tá bem feio” e eu escrevi “que homem que tá bem feio” aí ela leu [...] aí eu digo “ah, tá bom” peguei a puxar, né, [...] “mas que homem que tá bem feio” ele pensou, e eu li o pensamento dele e escrevi a mesma coisa. Aí desse tempo em diante comecei a puxar e aí pronto, já tinha esse dom e não sabia. [...] e continuei e deu certo [...] (NILO FERREIRA CHAVES, 2019).

⁷ Na entrevista, Nilo conta que assim que entrou para a Igreja Evangélica os pastores quiseram proibi-lo de responder, afirmando que “eles não fazem isso” por ser coisa de “batuqueiro” (referindo-se a seguidores de religiões afro-brasileiras e de matriz africana). Acredito que a associação se dá, principalmente, devido a questão da “visão”.

⁸ Jogo de cartas de baralho que tem como objetivo combinar 3 jogos de 3 cartas.

⁹ Forma genérica de se referir à religiões afro-brasileiras e de matriz africana.

Sobre o Responso, Tio Nilo sempre afirma a existência de um dom: “Deus me deu esse dom [...], e eu vou continuar enquanto eu existir” e acredita que dentre sua grande família, formada por oito filhos, dezessete netos e dois bisnetos, alguém irá “pegar esse ramo”, pois “Deus coloca um no lugar da gente [...]”. No entanto, nenhum dos filhos ou netos apresenta, por enquanto, inclinação para o ofício do Responso ou de benzeduras.

Seu Nilo é bastante conversador e gosta de compartilhar suas histórias, contou muito sobre sua vida e andanças por diferentes lugares realizando variados serviços, falou com orgulho da paixão pelo Terno de Reis, tradição de canto e verso improvisado, que lhe rendeu algumas premiações e contou diversos casos em que foi solicitado para responder, orar e curar.

“UMA ORAÇÃO DE FÉ FEITA A SANTO ANTÔNIO”: O RESPONSO DA DONA TEREZINHA

A entrevista com Terezinha de Jesus Machado Araujo foi realizada no dia 01 de setembro de 2019. Ela tem 68 anos, é católica e define o responso como “uma oração de fé feita a Santo Antônio, pedindo pra ele mostrar às pessoas as coisas perdidas”. Sobre a forma de fazer ela diz que apenas reza: “Eu rezo. Assim ó, é o responsório ou responso de Santo Antônio, é uma oração só de pedido e a gente tem que ter fé..., só faço assim e peço aquilo que a pessoa perdeu”. Quando questionada sobre como começou a responder ela diz que foi pela fé:

Pela fé, eu fazia assim ó, eu tenho esse meu livro de orações, eu rezo pra Santa Rita, rezo pra Santo Antônio, eu rezo pros santos, gosto muito de santos, eu acredito em santos, e aí comecei a fazer essa oração de Santo Antônio (TEREZINHA DE JESUS MACHADO ARAUJO, 2019).

Ela diz que a oração deve ser feita como qualquer outra, acreditando e pedindo que Santo Antônio devolva o que está perdido. Uma vela é acendida no momento da oração, como é habitual entre os católicos ao rezar. Dona Terezinha conta que começou a “responder” já mais velha, não faz tantos anos e fala que a avó paterna também respondava, mas que “isso não é coisa de dom de família”, é devido a sua fé em Deus e nos santos.

Para Terezinha a “visão” não é tão simples, e por vezes, não aparece. Ela diz que “às vezes se enxerga, nem sempre”, porque depende de como está se sentindo, tem épocas em que está bastante desanimada, pode-se dizer com a fé mais enfraquecida, e épocas em que está melhor para “responder e mostrar as coisas”. Assim, diferente de Tio Nilo, cuja “visão” é

inerente à prática, Terezinha possui uma relação com essa questão que depende do seu bem-estar e da sua fé.

A entrevista com a dona Terezinha foi bastante mais sucinta, ela não abriu sua história de vida e limitou-se ao Responso, falando menos e ficando mais resguardada. Mas, Terezinha falou sobre responsadoras mais antigas, ela conheceu muitas senhoras já falecidas que faziam o Responso, e sobre a persistência da prática ao longo dos anos. Terezinha diz que “essa história de responsar pra Santo Antônio aqui em Mostardas existe há muitos anos [...] aqui tem e sempre teve, isso aí eu posso te garantir”. Assim, interpreta-se que o Responso constitui uma prática tradicional no município, que resiste através das gerações.

“UM DOM QUE VEM DE BERÇO”: O RESPONSO DE TIA IRMA E DE JUREMA

A entrevista com “tia” Irma e Jurema foi a última a ser realizada, no dia 21 de dezembro de 2021. Irma da Conceição Tavares tem 70 anos e Jurema Maria da Silva Lima, sua filha, tem 50 anos. Ambas são umbandistas e também fazem benzeduras e Responso. Irma estudou até a 5ª série e trabalhou muitos anos no hospital municipal, Jurema tem o ensino médio completo, é funcionária da prefeitura municipal e faz faculdade de serviço social.

O Responso feito por elas é através de orações para Santo Antônio, São Longuinho e São Lázaro. Tia Irma conta que quando pedem para responsar alguma coisa, ela vai até a frente do congá¹⁰, pega seu livrinho e faz as orações, a pessoa pode ficar ali junto com ela, em seguida das orações ela já consegue dizer se vai ser encontrado, onde deve procurar ou se foi roubado, ela diz que “os próprios orixás vêm em mim e me dão uma luz pra mim responder pra pessoa”.

Jurema fala que “na concentração a gente consegue enxergar mais ou menos, ter uma base, eles mostram pra gente se tá abafado, se tá caído, se foi pego” e afirma que, em caso de roubo, é fácil identificar pois se “vê que tem uma mão, então é fácil saber que alguém pegou, porque a gente enxerga a mão pegando”, mas que não é possível identificar a pessoa que roubou.

Irma menciona que além da visão, os orixás “sopram no ouvido”, dizendo se a pessoa vai encontrar o que está perdido e o lugar onde deve procurar, “a gente vê, mas parece que eles falam contigo, tu sente”. Se é um animal, dizem se está bem ou não ou se está preso, e sopram para tranquilizar a pessoa, por exemplo: “não fica nervoso, ele tá bem cuidado”, contam que

¹⁰ Palavra de origem africana utilizada na umbanda para denominar o altar onde ficam as imagens dos santos e outros elementos presentes nas crenças umbandistas. O congá é um espaço de respeito, oferenda e agradecimento. As imagens dos santos na umbanda são celebradas e são pontos de conexão com os orixás.

quando estão concentradas vem a voz. Ainda se tratando de animais, elas relatam que conseguem ver se o bichinho está com vida ou não e se estão presos ou machucados, pedem clemência para os santos auxiliarem para que se soltem ou sejam encontrados. Ambas dizem que às vezes não se enxerga nada, como quando o animal já está sem vida e quando se trata de algo roubado que já foi passado adiante ou de algo que está numa localização “que não tem como achar”.

Quando questionada se o Responso se tratava de um dom ou algo que podia ser aprendido, “tia” Irma respondeu que “É um dom. Vem de família. Vem de berço”, conta que a bisavó e a mãe eram parteiras e benzedoras, então ela já veio “de dom de benzeduras e simpatias” e depois, “na umbanda, na religião, a gente sempre evolui mais, aí vem vindo as coisas”. Jurema acredita que as pessoas podem aprender as rezas e que já ouviu falar de pessoas que mesmo não sendo da umbanda fazem benzeduras, mas “tia” Irma salienta que “o africano, benzedor mesmo, vem de berço” e que Jurema já nasceu “na lei dos africanos de berço”. Comentou ainda que uma das netas já apresenta ter o dom também, assim, pode-se dizer que elas estão inseridas em uma rede de compartilhamento de conhecimentos tradicionais através das gerações.

Irma conta que começou a responsar com vinte e poucos anos, já era casada e Jurema já era nascida. Jurema começou a responsar por volta dos 12 anos, ela relatou que não gostava e contou como foi a primeira experiência com o Responso:

[...] a mãe já responsava, minha mãe já benzia, e teve uma vez que teve uma senhora... eu era pequena, [...] e a mãe não tava, né, uma senhora desesperada, “mas quem sabe tu vai ali” a mãe tinha os santinhos dela assim num corredorzinho... “ai será que vou conseguir?” “quem sabe se tu te concentrar, porque isso aí deve vir de berço” a senhora falou isso pra mim, e foi minha primeira experiência, eu me concentrei, fechei os olhos e rezei, naquela época eu não sabia nem fazer uma reza, eu só me concentrei e me lembrei que a mãe fazia e muitas vezes eu ficava escutando a mãe e a mãe fazia pra Santo Antônio, naquela época eu não pedi nem pra São Longuinho, pedi pra Santo Antônio, né, que me mostrasse, que me dissesse se tinha sido roubado, se tinha sido perdido, e que ele fizesse aparecer se tivesse perdido. E assim comecei. E aí dali... daqui a pouco a senhora [...] bateu lá pra avisar [que tinha dado certo] com um pacote de vela, que a gente não cobra responso, né, nem responso nem benzedura a gente não cobra, a pessoa dá o que quer [...].

Após relatar sua primeira experiência com o Responso, Jurema disse que até hoje prefere encaminhar os pedidos de Responso e benzedura para a mãe. Elas contam que bastante gente as procuram e ambas se sentem bem em fazer o Responso e benzeduras e que é muito gratificante quando recebem o retorno de que os resultados foram positivos.

Um último ponto importante a ser destacado nessa entrevista é a questão do Responso de pessoas, que nenhum dos outros dois responsáveis mencionou. Irma fala que não gosta, porque é muito pesado e dói muito ver e ter que dizer pra pessoa que está ali que a que está desaparecida “não existe mais”, mas faz.

Na entrevista com Irma e Jurema foram discutidas diversas questões, como o preconceito existente em Mostardas com as religiões de matriz africana e suas metas futuras de alterar esse cenário. Elas sentem que a procura pelo Responso tem aumentado e que seu “público” é bastante variado, tendo muita procura de jovens. Com o contexto da pandemia de Covid-19, elas suspenderam os atendimentos por um tempo e depois passaram a pedir que as pessoas entrassem de máscara e poucos de cada vez para evitar aglomeração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas entrevistas aqui expostas é possível perceber, através das narrativas dos responsáveis, os universos de significados que envolvem as práticas de cada um, compostos por suas crenças, religiosidades e subjetividades culturais, que fazem com que a prática seja heterogênea.

Existem muitos pontos em comum, ambos os responsáveis entrevistados disseram se sentir bem em fazer o Responso, pois estão ajudando as pessoas e ficam muito felizes quando têm o retorno de quem os procurou para informar que o que procuravam foi encontrado. Todos também fazem o Responso através de ligação, assim, basta ligar para um responsável e o procedimento e resultados serão os mesmos. Outro aspecto importante comum é o fato de não cobrarem nenhum valor pelo Responso, dizem que não se deve cobrar por exercer um dom, mas aceitam de bom grado “presentes” como agradecimento.

Mas, diversas questões divergem. Para Tio Nilo, o Responso é um dom, a conexão é direta com Deus, não havendo a presença de santos e ele tem visões que mostram onde está ou o que aconteceu com o objeto ou animal. Terezinha diz não se tratar de um dom e sim de fé, ela nega o dom de família mesmo tendo uma avó que responsava, ela usa um livro de orações, é católica e nem sempre tem visões. Irma e Jurema são umbandistas e afirmam ter um dom que vem de de família, recorrem aos santos e orixás, que sopram no ouvido delas aquilo que deve ser dito à quem as procurou, além de terem, também, visões. Outro ponto comum é que em três dos quatro entrevistados, a prática ou o dom foi manifestado na idade adulta.

A questão da fé é o ponto mais intangível que envolve o Responso e é o amálgama da prática, sendo o agente essencial para a realização e sucesso do Responso. A fé é necessária tanto da parte do responsador, que através dela faz o intermédio entre a pessoa que perdeu algo e o divino, que ajudará a encontrar o que está perdido, quanto da parte de quem busca o Responso. A fé e a confiança no Responso enquanto meio de encontrar coisas perdidas é a grande herança cultural, transmitida através das gerações pelos mostardenses.

Essas, são algumas questões identificadas até o momento da pesquisa como fundamentais para se entender o Responso e diversidade dentro da própria prática. Os tópicos aqui discutidos e as narrativas expostas ilustram a importância e caráter tradicional do responso, bem como a existência de heterogeneidade no Responso em Mostardas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. FGV Editora, 2004.

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. **Revista de estudios extremeños**, v. 60, n. 3, p. 925-956, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Quieroz Editor, 1987.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. tradução Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória, identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25.

DOM. **Michelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=vwVX>. Acesso em: 04 dez. 2022.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais - cultura é memória. **Revista USP**, n. 29, p. 102-106, 1996.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo de 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/mostardas/panorama>. Acesso em: 04 dez. 2022.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, p. 24, 2016.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Cuadernos de antropología social**, n. 11, p. 115-136, 2000.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

FONTES ORAIS

ARAUJO, Terezinha de Jesus Machado. [66 anos]. [set. 2019]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 01 set. 2019. 1 arquivo MP3 (13 min. 34 seg).

CHAVES, Nilo Ferreira. [71 anos]. [jun. 2019]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 21 jun. 2019. 1 arquivo MP3 (33 min. 25 seg.).

LIMA, Jurema Maria da Silva. [50 anos]. TAVARES, Irma da Conceição. [70 anos]. [dez. 2021]. Entrevistadora: Sabrina Machado Araujo. Mostardas, RS, 21 dez. 2021. 1 arquivo MP3 (30 min. 28 seg.).